



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

VANESSA BATISTA PEREIRA

**O SOFRIMENTO INFÂNTIL E LUTO: ENTRE AS PERDAS REAIS E
SIMBÓLICAS**

Juazeiro do Norte
2018

VANESSA BATISTA PEREIRA

**O SOFRIMENTO INFÂNTIL E LUTO: ENTRE AS PERDAS REAIS E
SIMBÓLICAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Orientador: Francisco Francinete Leite Júnior

Juazeiro do Norte
2018

VANESSA BATISTA PEREIRA

**O SOFRIMENTO INFÂNTIL E LUTO: ENTRE AS PERDAS REAIS E
SIMBÓLICAS NA OBRA O REI LEÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Data de aprovação: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior
Orientador(a)

Prof^a Esp. Cícera Jaqueline Sobreira Andriola
Avaliador (a)

Prof. Esp. José Ricardo de Sousa Santana
Avaliador (a)

O SOFRIMENTO INFANTIL E LUTO NATURAL: entre as perdas reais e simbólicas na obra O Rei Leão

Vanessa Batista Pereira¹
Francisco Francinete Leite Junior²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a vivência da criança frente ao sofrimento psíquico decorrente ao luto simbólico e real, identificando como filme infantil é primordial para retratar essa vivência, sobretudo auxilia a criança a elaborar seus conceitos sobre a perda e demais temas. Foi possível compreender como sofrimento psíquico infantil em decorrência do luto não é considerado pelos adultos, por vezes passando despercebido, na qual se faz necessária a presença e a aproximação familiar com a criança e a importância de uma linguagem clara e lúdica facilitando a sua concepção sobre as perdas. O estudo foi desenvolvido por uma revisão teórica, tratando-se de pesquisa básica, de cunho bibliográfico qualitativo, além de uma revisão literária com uma análise fílmica, sendo utilizada a obra cinematográfica “O Rei Leão”. Serão discutidos no curso do trabalho o conceito de infância e a relação entre eles. Segue-se que a criança sofre como resultado de perdas e necessariamente deve ser compreendida, parece que o mesmo se manifestar sua dor de maneiras diferentes e que a presença dos responsáveis é fundamental neste processo.

Palavras-chave: Infância, Crianças, Psicologia, Família, Luto.

ABSTRACT

The present work aims to understand the experience of the child facing the distress due to the symbolic and real grief, identifying how children's movie is paramount to portray this experience, especially helps the child to develop their concepts about loss and other themes. It was possible to understand how children's psychic suffering as a result of grief is not considered by adults, sometimes passing unnoticed, which makes necessary the presence and the family approach with the child and the importance of clear language and facilitating your playful design on losses. The study was carried out by a theoretical review, in the case of basic research, of a qualitative, as well as a bibliographic review of literature with a filmic analysis, being used the cinematographic “The Lion King”. Will be discussed in the course of work the concept of childhood, and the relationship between them. It follows that the child suffers as a result of the losses and necessarily must be understood, it appears that the same manifest your grief in different ways and that the presence of the responsible is paramount in this process.

Key words: Childhood, Children, Psychology, Family, Bereavement.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho irar ser desenvolvido com a utilização de um filme, onde o cinema pode ser considerado uma ferramenta importante no auxílio da compreensão da criança abordando de

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: vanessabp.c@outlook.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

forma lúdicas temáticas recorrentes no cotidiano, como o tema da pesquisa aqui apresentada, sofrimento infantil em decorrência do luto natural.

O tema da presente pesquisa surge das inquietações da autora diante dos casos de adoecimentos psíquicos infantis frequentes na clínica psicológica, tendo em vista a repercussão dos fatos no meio social. A compreensão frente ao adoecimento de crianças é de grande relevância, pois a mesma é quem sofre no seu processo de desenvolvimento, decorrente de experiências traumáticas.

Trauma por sua vez é um prejuízo emocional provocado por um acontecimento causador de dor e sofrimento para o sujeito. Ao passar por experiências dessa natureza a criança, assim como também qualquer indivíduo pode sofrer diversas alterações psicofisiológicas durante a vida, trata-se de como o sujeito vivencia subjetivamente algum acontecimento, independentemente do tipo de situação específica (ZAVARONI; VIANA, 2015).

Considerando as perdas vivenciadas pelas crianças e do bloqueio de alguns pais em lidar com situações aversivas, torna-se importante analisar e compreender como a aproximação e o vínculo afetivo é primordial na infância, visto que a criança é um sujeito de direito, necessitando de atenção e compreensão durante seu crescimento. Esse estudo poderá ajudar os familiares nas suas dificuldades em lidar com a necessidade da criança, na compreensão do meio social quanto ao sofrimento infantil, na qual alguns acreditam que não exista, por interferência de construções culturais e sociais, considerando a priori que também será relevante para a ampliação das produções científicas da clínica com criança.

Esse estudo tem como ponto principal compreender como a criança vivencia o seu sofrimento psíquico decorrente das perdas reais e simbólicas. Para tanto, nesta pesquisa utilizaremos o cinema, mas especificamente a partir do filme *O Rei Leão*. O uso da obra da Disney tem como intuito auxiliar a compreensão do leitor acerca do impacto das perdas sobre a criança, na qual geralmente essas são representadas por meio de filmes e histórias infantis. Diante disso surge a inquietação, de como a criança elabora o luto a partir dos contos infantis?

O objetivo do estudo é analisar os impactos do sofrimento psíquico em decorrência do luto natural diante das perdas reais e simbólicas na primeira infância, compreender a experiência da criança em relação ao luto simbólico, analisar a perda real na infância, Investigar e articular o luto real e simbólico na infância, a partir de uma revisão literária e a obra *O rei leão*, para então compreender a vivência da criança frente ao sofrimento proporcionado pelo luto real e simbólico.

2. METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa se caracteriza pela sua subjetividade, o pesquisador analisa os dados de forma indutiva, pois neste tipo de pesquisa não existe hipóteses pré-concebida, os resultados obtidos não pode ser traduzidos em número.

A presente pesquisa se caracteriza como uma pesquisa básica, exploratória de cunho bibliográfico e uma análise fílmica, pois para seu desenvolvimento será usado outras pesquisas semelhantes e o uma obra cinematográfica. “As pesquisas exploratória tem como propósito propiciar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2010, p.27).

O filme será utilizado, pois o uso da imagem equivale a vivência da criança diante do luto, ou seja, de acordo com Loizos (2015) a imagem oferece algo concreto e material, representando acontecimentos reais, mostrando inclusive o tempo, no qual os acontecimentos ocorrem.

O estudo irá se desenvolver também a partir de uma revisão de literatura, na qual as obras encontradas estavam em consonância com o objetivo de pesquisa, sendo utilizado os bancos de dados SciELO e Google Acadêmico. O critério de inclusão abordado foram trabalhos publicados entre 1981 a 2018.

Será analisado através de cenas do filme com a teoria literária associando a vivência da criança, onde poderemos nortear nossa compreensão sobre o impacto do luto na fase da infância.

3. REFERENCIAL TEORICO

3.1 INFÂNCIA

Infância é uma fase vivenciada pelo sujeito, de acordo com Philippe Ariès (1981, pag. 18) antes a infância era apenas um período de transição, na qual as lembranças logo eram esquecidas. Há tempos a criança era apenas como uma miniatura de um adulto, onde a partir dos 7 anos já poderia realizar as mesmas funções de um adulto, não existia uma proximidade quanto a subjetividade da criança. Na infância as brincadeiras e o aprendizado eram adquiridos durante a convivência com o adulto. Com o tempo foram surgindo à escola, onde apesar de não ter exatamente um olhar para sua particularidade, era considerado um ambiente acolhedor onde a criança poderia ser criança (OLIVEIRA; SANTOS, 2018).

Atualmente, com a adesão a leis que tem como intuito interferir e proteger a saúde física e psicológica da criança, onde a mesma é considerada um sujeito de direito, a situação mudou consideravelmente, hoje a criança já é vista a partir da sua singularidade, porém, ainda é possível perceber casos de crianças que sofrem por não ser percebida e compreendida. Considerando que a criança na primeira infância manifesta suas vontades e necessidades de diferentes formas, através de desenhos, brincadeiras, inclusive o convívio na escola com outras crianças é primordial na percepção de seus sentimentos e ações.

Segundo Winnicott (2008) as crianças observam o que acontece ao seu redor e se identifica com o comportamento de seus pais ou pessoas mais próximas. Podemos afirmar que em suas brincadeiras as crianças desenvolvem sua espontaneidade, na qual é notório geralmente o fato de reproduzirem comportamentos emitidos no meio em que está inserida.

Se as crianças precisam de um bom lar normal com que se identificarem, também necessitam profundamente de um lar estável e de um ambiente emocional estável em que possam ter a oportunidade de realizar firmes e naturais progressos, no devido tempo, no decorrer das fases iniciais do desenvolvimento. (WINNICOTT. 2008, pag. 118).

Vale ressaltar a importância do adulto no desenvolvimento da criança, com um olhar voltado não apenas para suas necessidades biológicas, mais também para construção da sua individualidade enquanto sujeito. Atualmente, a infância é uma fase na qual a criança vivencia momentos de grandes descobertas, inicia-se o período de contato social, passa a elaborar seus próprios conceitos, o momento que emite seus desejos, e aos poucos vai identificando sua própria identidade, já não considera-se mais como uma fase que não deve ser recordada.

Pode-se afirmar que no decorrer do seu desenvolvimento a criança adquire experiência suficiente para formação da sua personalidade. “Somente as mudanças internas no curso do próprio desenvolvimento ou as rupturas marcantes durante o desenvolvimento podem fornecer um fundamento confiável para determinar as chamadas ‘idades’ como sendo épocas básicas na formação da personalidade da criança” (PEREIRA; AMPARO; ALMEIDA, 2006, p. 20).

A infância é o período, onde a criança inicia seu reconhecimento como um ser no mundo, despertando sua curiosidade e fazendo descobertas através do meio que está inserida e aos poucos vai conquistando a sua independência, que vai do ato de comer sozinha ao momento de elaborar seu próprio saber sobre o mundo em que está inserida.

3.2 LUTO

A priori esclareceremos “Luto” como sendo situações onde aparece através da perda do objeto ou pessoa amada. Segundo Freud (Luto e Melancolia, 2012), entende-se por luto a reação a perda de um objeto, de um ente querido e até mesmo de hábitos, na qual nos remete a uma experiência que foge da nossa rotina, mas que é superado por um período de tempo, uma vez que se faz necessário que o sujeito vivencie a experiência sem interferências.

É válido ressaltar que luto faz parte da vivência do ser humano, visto que passamos frequentemente por perdas, algumas com maiores relevância que outras, essas perdas nos traz a oportunidade de dar significado a novos hábitos. Segundo Kovács (2013, p.16) para muitos a morte produz reações temerosas, considerando que as pessoas tem dificuldade em lidar com a ideia de sua própria finitude, ou com a finitude do outro, pois, isso ocasiona a ideia de separação, da falta principalmente do que é mais próximo. Uma vez que o fato de existir a possibilidade da perda ou morte a qualquer momento, provoca no sujeito a necessidade de produzir algo, de fortalecer relações, na qual isso irar garantir a ideia de ser lembrado, para nós seres humanos é importante permanecer vivo simbolicamente na mente de alguém, porém, é notório que nos comportamos muitas vezes como se fossemos seres imortais, pois, é assim que nos sentimos mesmo que inconscientemente.

De acordo com Kubler-Ross (2012) a elaboração do luto perpassa cinco estágios, primeiramente pelo estágio da negação, onde por sua vez o sujeito nega a sua condição, muitas vezes chegando a buscar novos diagnósticos e opiniões; segundo é a raiva, na qual busca-se explicações e justificativas pela situação que está passando, provocando revolta; terceiro é a barganha, por sua vez a pessoa busca negociar uma possível cura, procurando suporte na religião, é o fato de fazerem promessas por exemplo; quarto estágio é a depressão, o sujeito reconhece o “estar doente”, submetendo-se a novos tratamentos; quinto e último estágio é o período de aceitação, provocando no indivíduo a necessidade de descanso e aceitação da sua condição. Por sua vez, não necessariamente todos os seres humanos passam por esses estágios, no entanto, a elaboração da perda faz-se necessária para dar abertura para novas oportunidades.

Podemos considerar que o luto nos é apresentado de duas formas; o luto simbólico, na qual é vivenciado seja pela mudança abrupta de um hábito, como também pela perda de um objeto amado. Toda via, podemos presenciar nitidamente essa vivencia em crianças, no momento em que a mesma inicia sua vida escolar no jardim de infância, por exemplo, deixa subitamente a sua rotina anterior, onde o convívio é apenas com a família, passando a

habituar-se em um novo meio social, com novos costumes, por sua vez descobrindo que não é mais o centro de todas as atenções. Assim como também a perda de uma “chupeta”, ao deixá-la a criança sofre por ser um objeto amado. Essas são situações que representam a perda e que provoca o luto simbólico vivenciado pela criança.

Destacaremos o luto real como sendo a perda de um ente querido, a perda da mãe ou de alguém próximo, a perda como algo definitivo e sem possibilidade de retorno. Ambas são situações que quando não vivenciadas e elaboradas podem nos levar a um estado melancólico, que segundo Freud (2012) é a experiência do EU vazio, luto não elaborado.

Vale ressaltar que o luto não ocorre apenas em adultos, a criança também passa por esse processo, mesmo que muitas vezes seja subestimada. Obviamente a compreensão da criança quanto a esse acontecimento é diferente de um adulto, inicialmente ela nota a ausência do objeto, porém, geralmente são dadas explicações vagas, o que dificulta ainda mais sua percepção.

3.3 INFÂNCIA E LUTO

Há um tempo, não muito distante um casal ao constituir família, tinham muitos filhos, as famílias eram extensas, o que dificultava a percepção do sofrimento subjetivo da criança.

Considerando que é difícil a compreensão do luto na infância, onde o sofrimento da criança passa despercebida, o que ocasiona a não elaboração da perda, assim refletindo no desenvolvimento infantil. A família tem um papel importante no processo de adaptação da criança após a perda, seja ela real ou simbólica.

[...] A comunicação intrafamiliar é vital no curso do processo de luto infantil, uma vez que a elaboração do luto na criança é fortemente influenciada pelo quê e como os responsáveis conversam com ela, pela maneira como lidam com suas expressões emocionais e, no caso da morte de um dos pais, pelo o modo como o genitor sobrevivente reage à espera que a criança reaja. (LIMA; KOVÁCS, 2011, p. 394).

Vale ressaltar a falta de comunicação existente entre o adulto e a criança, na qual, o adulto em alguns casos oculta a realidade, proporcionando dúvidas à criança. De acordo com Kovasc (2013, pag. 50) “a primeira reação diante da perda de uma pessoa amada é a negação, e se o adulto reforça essa atitude, fica difícil passar para outras fases do luto”.

Entretanto, o diálogo entre criança e adulto deve existir apesar de estar se tornando quase uma prática não vista nos dias de hoje, o adulto por sua vez está a cada dia repleto de

atividade que dificulta a aproximação entre ambos, se distanciando da criança (MOURA; ASSIS, 2018).

A criança ao passar por acontecimentos traumáticos busca expressar suas angústias através de fantasias, brincadeiras, desenhos, histórias infantis e até na relação que tenha com outras crianças, isso é possível ser observado na escola. Segundo Franco e Mazorra (2007), os autores definem essa formação imaginária como um roteiro imaginário do qual o sujeito faz parte, que representa a realização de um desejo de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos.

De acordo com Franco e Mazorra (2007) diante da ausência irreversível de um vínculo provedor de sustentação, a criança se depara com profundos sentimentos de desamparo e impotência. “O desamparo por sua vez, indica em sua essência vivida o sentimento de abandono, que é experimentado na descoberta do eu do indivíduo com o mundo” (RESSTEL, 2015). Geralmente isso costuma ocorrer na perda dos pais, da figura mais próxima da criança, na qual, a falta de segurança proporciona a sensação de abandono, causando maior impacto na vida do sujeito.

Faz-se importante a aproximação entre a criança e o adulto, considerando que o sofrimento psíquico infantil é percebido com o convívio e a sensibilidade, buscando compreender o mundo infantil e sua linguagem. Transmitir uma notícia ou informação para a criança exige cuidado, para que haja o entendimento, utilizar uma linguagem lúdica pode favorecer na compreensão da criança e em situação de luto poderá contribuir na elaboração da perda (MOURA; ASSIS, 2018).

A elaboração desse processo ocorre durante toda a vida, uma vez que durante seu desenvolvimento, da infância a vida adulta a criança ressignifica suas perdas.

Ao finalizar uma fase da vida, para dar início a etapa seguinte, o sujeito perde aquilo que tinha para si, isto é, seus objetos de investimentos são perdidos e ele sofre por isso, o que acarreta o esvaziamento simbólico da sua vida anterior, o que o faz caminhar em busca de se reestruturar, parar lidar com a nova realidade. Todo esse processo é experimentado através das circunstâncias do meio cultural, o que pode resultar em sintomas que caracterizam o luto (MOURA; ASSIS, 2018, pag. 127).

Para a criança a perda da pessoa amada, pode-se dizer que provoca um choque na sua estrutura psicológica, quando não vivido e elaborado, seu desenvolvimento pode ser comprometido. É importante as brincadeiras, os filmes, histórias, uma vez que geralmente as

figuras que representam a superação de obstáculos são as mais admiradas pelas crianças, costumam utilizá-las como exemplos a ser seguido.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O filme foi escolhido por apresentar cenas que mostrem tanto o luto real como o simbólico, podendo ser associado a experiência infantil.

O autor Roger Allers traz a história de vida de Simba, filho do rei Mufasa e a rainha Sarabi. O filme inicia-se com uma cerimônia de apresentação do filho do rei, onde todos os animais contemplam o nascimento de Simba, exceto Scar, o irmão do rei Mufasa, que tem o propósito de ocupar o lugar do trono. Rafike como sendo o sábio da floresta e conselheiro do rei, realiza o ato religioso que faz parte da tradição do reino.

Mufasa em certo dia mostra ao filho até onde o reino se estende, Simba avista a parte sombria e faz perguntas ao pai que logo foge do assunto com evasivas, enfatizando que ele jamais poderá ir aquele lugar. Posteriormente Simba com sua inocência é enganado e desobedece as ordens do pai, por influência de Scar, vai para a terra sombria, parte da floresta habitada por aqueles que foram expulsos do reino, no momento que Simba com sua amiga Nala estão em perigo são defendidos por Mufasa, que salva o filho e ao mesmo tempo o repreende por tê-lo desobedecido, tratava-se de uma estratégia de Scar para causar a morte de Simba.

Em outro momento da narrativa o rei Mufasa morre ao salvar o filho, evento este que foi orquestrado por Scar, irmão do rei. Simba acaba presenciando a morte do pai, novamente sendo manipulado por Scar, Simba vai embora do reino, pois acredita ter sido o responsável pela morte do pai e imaginando que magoará sua mãe Sarabi e todos os seus amigos. Ele é perseguido por hienas a mando de Scar, porém, elas não conseguem obter êxito no seu objetivo, pois Simba consegue ir embora assustado. Scar convence a todos que Simba morreu assim como Mufasa, ocupando assim o lugar do rei.

Por sua vez Simba é encontrado por Pumba e Timão e é levado por eles para a floresta onde vivem e começam a se tornarem amigos, o leãozinho passa a viver junto a eles, e aprende com eles a ser livre, viver sem preocupações e responsabilidades, se adaptando a nova realidade não mencionando o seu passado, guardando para si os ensinamentos e a sua vida junto a sua família.

Tempos se passam e o reino, por ser mal administrada, está sendo destruído, provocando a fome e a cede dos animais, posteriormente Simba reencontra Nala, em um momento que a

mesma está à procura de alimento no local onde ele vive, ela ataca Pumba, que é salvo por Simba, os dois lutam e ela o reconhece. Nala conta a Simba a situação do reino, mas ele se recusa a voltar, não revelando o real motivo. Rafike que sente através do perfume de Simba por folhas trazidas pelo vento que ele está vivo, sai em busca de reencontrá-lo com o intuito de trazê-lo de volta. Ao encontrá-lo Rafike ajuda Simba a superar o trauma e a voltar, mostrando para ele quem é ele no ciclo da vida.

Ao retornar, Simba em uma luta com Scar, descobre que não foi o responsável pela morte de seu pai e posteriormente assume a liderança do reino salvando a todos.

Dentre todas as cenas do filme foram escolhidas cinco, que abordaram os temas a serem analisados.

A cena do nascimento onde Simba é apresentando a todos os animais, ato de celebração que faz parte da tradição do reino, momento que representa o nascimento da criança, sua chegada ao mundo como um ser em construção, ao passar pela experiência de nascer, surgiu a sensação de desamparo, com total dependência do outro para suprir suas necessidades (CAVACANTE; POLI, 2015). A criança constrói um vínculo afetivo estabelecido pela relação com os pais, que geralmente são as figuras mais presente na vida da mesma e que suprem suas necessidades e projeta seus desejos como um espelho, no qual a criança reflete sua própria imagem. O vínculo ocorre pela relação emocional estabelecida entre ambos, na qual adequasse à ideia de segurança e apoio (GERMANO; SILVA, 2015).

A segunda cena trás o momento que o rei Mufasa mostra ao filho até onde o reino se expande, posteriormente não esclarece as dúvidas do filho sobre a parte sombria do reino, lhe respondendo com evasivas, conseqüentemente Simba curiosamente vai ao respectivo lugar proibido. Podemos considerar essa cena como sendo a representação da falta de diálogo entre a criança e o adulto, que frequentemente os adultos buscam burlar a realidade, subestimando a capacidade de compreensão do infante. Entretanto, essa atitude pode ser prejudicial a mesma, pois isso pode instigar a sua curiosidade e proporcionar situações de perigo, assim como é possível ser visto no filme.

No filme é notório o vínculo existente entre Simba e seu pai, na qual no decorrer da narrativa no momento em que o pai de Simba morre, ele ainda o chama algumas vezes, cena que representa a falta de compreensão da criança sobre o conceito de morte, pois para o infante a morte é reversível, um sono na qual poderá ser acordado a qualquer momento. Porém, Simba percebe que seu pai não acordara, vivenciando o luto real pela perda de um ente querido, a figura paterna na qual ele tinha um vínculo afetivo, representando a segurança e proteção. Segundo Bowlby (1984) a perda da pessoa amada é dolorosa, proporcionando

sofrimento intenso. A criança ao sentir a ausência da figura amada sente-se abandonada, desamparada, proporcionando a angústia provocada pela separação (RESSTEL, 2015). A partir da imagem é possível mostrar a criança o que seja a morte de forma lúdica.

Posteriormente, a próxima cena, Simba vai embora marcado pelo trauma por presenciar e se sentir culpado pela morte do pai, deixando a sua vida, seus hábitos e o convívio com sua mãe e amigos. Nesse momento ele passou pelo luto real e o luto simbólico, por ter perdido o pai definitivamente e também por ter ido embora, ficando em situação de desamparo, pois exista a ausência da família lhe privando do suporte necessário nesse processo. De acordo com Zavaroni e Viana (2015) situação como essa é considerada impactante na vida do sujeito, uma vez que se trata de uma perda significativa, definida como trauma por causar efeitos no desenvolvimento da criança, considerando que Simba encontrou novos amigos, porém sempre deixou oculto seu passado, como uma maneira de amenizar seu sofrimento, buscando não mencionar inclusive os ensinamentos do seu pai, pois era motivo de muito sofrimento.

Segundo Kovács (2013) após a perda é necessário ser manifestados os diversos sentimentos que envolvem o luto, pois faz parte do processo de elaboração deste, trata-se de um rompimento de um vínculo afetivo, na qual a criança pode não compreender o conceito de morte, porém ela sente a ausência da pessoa amada.

Entretanto, a criança é influenciada pela família no seu ciclo da vida, portanto faz-se necessário a presença familiar em processos de sofrimento psíquico, exercendo papel importante na construção e mudanças frente ao sofrimento (MONTEIRO, et al, 2012) no filme Simba sente falta da família, mesmo na companhia de seus novos amigos, ademais os mesmos contribuíram para que ele vivenciasse novas experiências, elaborando conceitos de liberdade e a ausência de responsabilidade.

Passa-se o tempo e na cena onde ele decide retornar ao reino, Simba abandona sua liberdade, a ausência de responsabilidade e se depara com uma nova realidade, dotada de desafios e dificuldades a serem enfrentados, deixando clara a passagem de uma fase para outra, semelhante a um ser humano, deixando a infância e iniciando a adolescência abruptamente vivenciando o luto simbólico, representando a perda de hábitos repentinamente. A adolescência é marcada com uma fase de transição, a fase onde o sujeito vivencia o luto da infância, período onde o sujeito constrói sua própria autonomia, a tomada de consciência sobre seus atos e responsabilidades (OLIVEIRA; VIANA, 2018).

De acordo com Aberastury (1991) o sujeito ao iniciar o período da adolescência perpassa por algumas fases, no entanto o filme mostra claramente a segunda, tratando-se da tomada de consciência, onde o mesmo percebe ser independente, responsável por si mesmo, toda via as

outras fases são o luto pela perda do corpo infantil, ao haver essa perda o sujeito tende a buscar conhecer esse novo corpo que se apresenta, onde a opinião do outro é primordial na construção de sua personalidade, junto a mudança do corpo existe a mudança de ideias, de sua percepção do mundo ao redor, a terceira por perceber que os pais idealizados nem sempre são reais, e sim seres humanos com falhas e erros assim como qualquer outro, então é destruído o conceito de super heróis como algo perfeito e inabalável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho propôs compreender através de uma pesquisa literária em conjunto com uma análise fílmica que exemplifica como a criança vivência seu luto real e simbólico diante de suas perdas. As cenas encontradas que demonstraram e retratam situações reais na vida da criança, como a perda do pai no luto real, e o luto símbolo ao perder a família quando os abandonou.

Foi possível perceber o quanto ainda o sofrimento infantil não é considerado pelos adultos como algo real e pertencente a criança, isso porque no decorrer do filme ao se referir as pessoas mortas ou a lugares proibidos, os adultos sempre diziam respostas rasas e fantasiosas, escondendo o real significado de morte e perigo. No contexto humano, estas situações são bastantes presentes, os pais para esconder ou negar uma situação semelhante ao filme respondem as crianças de forma com histórias infantis, alimentando circunstâncias irreais no desenvolvimento da criança que prejudica estas no futuro.

A falta de compreensão dos pais diante de uma perda da criança, seja real ou simbólica, precisa ser trabalhada, assim este trabalho tende a facilitar o entendimento dos adultos perante ao sofrimento psíquico infantil em decorrência das perdas, inicialmente foi identificado as diversas maneiras na qual a criança possa vir a expressar o que se sente, diferenciando-se muitas vezes do adulto, podendo certamente vir a interferir no seu processo de desenvolvimento, onde se faz necessário principalmente a proximidade com a mesma, enfatizando o papel da família nesse processo.

De antemão foi possível esclarecer as dúvidas existentes e as inquietações referente ao tema aqui apresentado, colaborando e facilitando para a expansão do conhecimento adquirido para os demais profissionais da área, esperando que este trabalho possa contribuir para a clínica psicológica, considerando os diversos casos que se apresentam de adoecimento psíquico infantil. A criança é um ser em construção, dotado de sentimentos únicos e

pertencentes a si próprio, muitas vezes não compreendido pelos adultos a sua volta, na qual é primordial um olhar direcionado a mesma.

6. REFERENCIAL TEORICO

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico**. Artes Medicas, Porto alegre, 1991.

ARIÈS, Philippe; **História social da criança e da família**, ed. 2, Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CAVALCANTE, Cristina Aparecida Tannure; POLI, Maria Cristina. **O laço social e o mal-estar face ao desamparo**. R. Inter. Interdisc. INTERthesi. Florianópolis, 2015.

FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. **Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor**. Estudos da Psicologia. Campinas, 2007.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

GIL, Antônio Carlos; **Como elaborar projetos de pesquisas**. 5°.ed. São Paulo: Atlas 2010.

LIMA, Vanessa Rodrigues de; KOVÁCS, Maria Júlia. Morte na família: Um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 31, n. 2, Brasília, 2011. 390-405.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. Org. Martin W. Bauer e George Gaskell. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 13, Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 137–155.

MONTEIRO, Ana Ruth Macêdo; et al. **Sofrimento psíquico em crianças e adolescentes- a busca pelo tratamento**. Fortaleza, 2012.

MOURA, Jennifer Guimarães de; ASSIS, Maria de Fatima Pessoa. **Psicanalise e Contos de fadas no processo de elaboração do luto infantil**. Perspectiva em psicologia, vol. 22, N.1, pag. 122 - 127, Uberlândia, 2018.

OLIVEIRA, Adriana Rosmaninho Caldeira de; SANTOS, Hítalia Fernandes dos. Uma viagem na construção da infância numa perspectiva da Psicologia Social Crítica: Uma revisão de literatura. SP, Sorocaba. **Revista Laplage**, vol.4, p.36-49, ISSN:2446-6220. 2018.

OLIVEIRA, Ademar Dias; VIAN, Ana Jakellyne Pecori. A adolescência dos doze ao zero: o processo de desenvolvimento e as contribuições de Freud e Winnicott. **Revista juventude e políticas públicas**, v. 2, Brasília, 2018.

PEREIRA, Maria Ângela Camilo Marques; AMPARO, Deise Matos de; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. O brincar e suas relações com o desenvolvimento. **Psicol. Argum.** V. 24, n. 45, Curitiba, 2006.

RESSTEL, Cizina Célia Fernandes Pereira. **Desamparo Psíquico**. UNESP: São Paulo, 2015.

KOVÁCS, Maria Júlia; **Morte e desenvolvimento humano**, ed.5, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

KUBLER-ROSS, Elisabeth; **Sobre a morte e o morrer**, ed.9, São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2012.

SILVA, Maria Rosimere da Conceição; GERMANO, Zeno. **Perspectiva psicanalítica do vínculo afetivo: o cuidador na relação com a criança em situação de acolhimento**. Psicologia: Ensino & Formação. Porto Velho, 2015.

WINNICOTT, Donald Woods; **A criança e o seu mundo**, ed.6, Rio de Janeiro: LTC, 2008.
ZAVARONI, Dione de Medeiros Lula; VIANA, Terezinha Camargo. Trauma e Infância: Considerações sobre a vivência de situações potencialmente traumáticas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 31, Brasília, 2015.